

Na Argentina, a força dos estrangeiros

MARCIA CARMO

Correspondente

BUENOS AIRES — A entrada do Hong Kong Shanghai and Banking Corporation (HSBC) no Brasil, o dono do Bamerindus, tirou o sono dos banqueiros brasileiros. E não foi por acaso. Na vizinha Argentina, os bancos estrangeiros já são os grandes proprietários do setor. Aqui as possibilidades de multiplicar os ganhos são grandes, porque apenas 20% da população economicamente ativa têm conta bancária e os depósitos e todas as transações bancárias significam apenas 22% do Produto Interno Bruto (PIB). Eles já representam 37,4% dos ativos do sistema financeiro. As compras e fusões não param e aguarda-se para muito em breve, segundo um financista, a venda de novos bancos argentinos — isto, além do Quilmes, que já foi garantido para o canadense Nova Scotia. Atualmente, no ranking dos dez primeiros bancos privados, o Galicia é o único com controle argentino.

Enquanto assessores do Banco Central ainda se debruçam sobre os números que resultaram da venda, mês passado, de três importantes

bancos argentinos a banqueiros internacionais, o espanhol Banco Bilbao Vizcaya (que adquiriu o Francês e o Credito Argentino) prepara outra lista de compras, que inclui novas agências e mais instituições financeiras.

No mercado, o boato que corre é que, ansiosos para entrar firme na América do Sul, os estrangeiros acabaram pagando caro demais por instituições, como o Rio, o Roberts e o Credito Argentino, que, no entanto, poderão trazer bons lucros, segundo analistas econômicos.

“Ainda é cedo para saber se a chegada dos estrangeiros representou aumento significativo dos depósitos”, afirmou o economista e consultor Carlos Perez, diretor da Fundação Capital, lembrando que após os ajustes provocados pela crise mexicana, cresceu de 10% para 22% do PIB o total da *bancarização*.

Itaú — Titular do Itaú na Argentina, o paulista Antonio Carlos Oliveira disse que os estrangeiros estão vendo agora o que a instituição brasileira já tinha percebido em 1994. “Que a partir da estabilidade da moeda e da baixa bancarização a Argentina é um mercado promissor”, afirmou. “Não vamos mudar nossa estratégia por causa da chegada deles. Já imaginávamos que o nível de competição ia aumentar bastante. Mas estamos preparados e somos compatíveis com os que

Os dez maiores		
BANDO	ATIVOS EM US\$ BILHÕES	PRINCIPAIS ACIONISTAS
Galicia*	7,8	Famílias Ayerza, Escassany e Braun
Rio	6,6	Santander e Perez Companac
Citibank	4,6	Citicorp
Boston	4,2	Banco Boston Corporation
Francês	3,9	B.B.V (Espanha)
Robanta	3,6	HSBC
Credito Argentino	3,5	Banco Francês-B.B.V
Bansud	3,3	Banamex (México)
Deutsche Bank	2,1	Deutsche Bank
Nacionale Del Lavoro	2,0	B.N.I. (Itália)

*O único com controle argentino. Fonte: Banco Central da Argentina

chegam”, disse. Atualmente, o Itaú tem 45 mil contas abertas em 19 agências e pretende dobrar este número até março. “Na Argentina, nosso objetivo principal é o varejo e é a ele

chegam”, disse.

Atualmente, o Itaú tem 45 mil contas abertas em 19 agências e pretende dobrar este número até março. “Na Argentina, nosso objetivo principal é o varejo e é a ele

que continuaremos dando prioridade”, afirmou.

No mercado, o que se aposta é que seis anos de estabilidade da moeda e as medidas de saneamento tomadas depois da crise do México — 100 bancos foram engolidos naquele período — acabarão levando o argentino a criar coragem de tirar o dinheiro do colchão. “O fato é que nos 12 meses os depósitos cresceram a média de 22%, uma prova de que nos últimos tempos também aumentou a credibilidade no setor. No mesmo período também caíram os juros e os custos para a manutenção de uma conta bancária”, disse o economista Carlos Perez.

O resultado do aumento da competição foi, por exemplo, a redução, de US\$ 60 para US\$ 20, no custo da abertura de uma conta bancária e a melhoria da qualidade do serviço, ainda uma queixa frequente dos clientes, segundo as pesquisas de opinião.

Os internacionais — leia-se o inglês HSBC e o espanhol Santander — chegam atraídos pelo potencial de crescimento deste mercado. Para o economista Carlos Perez, o setor bancário argentino se divide em três etapas. A primeira, da imagem desgastada e desacreditada que an-

tecedeu a crise do México, apesar dos ajustes que já vinham sendo realizados pelo BC. A segunda foi a que obrigou a fusão de bancos e a adoção de novas regras do BC, para evitar maior fuga de depósitos, como os US\$ 8 bilhões retirados nos seis meses subsequentes à crise do México. Agora, acredita-se que a medida tomada há seis meses pelo BC — que obriga a existência de capital de giro suficiente para resgates em até 90 dias — contribuiu para o aumento de credibilidade e, conseqüentemente, dos depósitos, que em maio bateram recorde e chegaram a US\$ 60 bilhões.

A última etapa é a já esperada, segundo o economista, a “estrangeirização” do setor. “A superioridade hoje dos bancos estrangeiros em relação aos nacionais é que eles transmitem segurança durante as crises”, afirmou o economista e ex-ministro Guillermo Calvo. Para Carlos Perez, o problema é o perigo da concentração bancária.

Segundo ele, antes da crise mexicana, os bancos se concentravam em dois terços dos negócios financeiros na Argentina e hoje se concentram em três quartos. “E podem chegar a 80%. Até que ponto esta concentração é boa?”, pergunta.